

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | COMUNIDADE
23 de Julho de 2024

CHUVA É A CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS / 2018

um filme de João Salaviza e Renée Nader Messor

Realização e Argumento: João Salaviza e Renée Nader Messor / **Fotografia:** Renée Nader Messor / **Gravação de Som:** Vítor Aratanha / **Desenho de Som:** Pablo Lamar / **Montagem:** João Salaviza, Renée Nader Messor, Edgar Feldman / **Traduções e Pesquisa:** Ana Gabriela Morim De Lima, Ian Packer / **Com:** Henrique Ihjãc Krahô, Raene Kôto Krahô, habitantes da aldeia Pedra Branca da terra indígena Krahô.

Produção: Entrefilmes, Karô Filmes, Material Bruto / **Produtores:** João Salaviza, Renée Nader Messor, Ricardo, Alves Jr, Thiago Macêdo Correia / **Coordenação de Produção:** Isabella Nader / **Cópia:** DCP (original em 16mm), cor, falada em português e em krahô e legendada em português / **Duração:** 114 minutos / **Primeira apresentação pública:** 16 de maio de 2018, Festival de Cannes / **Estreia comercial:** 24 de Maio de 2018, França / **Estreia em Portugal:** 14 de Março de 2019 / **Primeira exibição na Cinemateca.**

A sessão tem lugar na Esplanada

Premiado em 2019 em Cannes na Secção “Un Certain Regard”, **Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos** desenvolve-se naquele território de indecisão entre a ficção e o documentário, em que encontramos muito do que de melhor se faz no universo do dito cinema contemporâneo. Primeira longa-metragem conjunta de João Salaviza e de Renée Nader Messor, retrata um episódio decisivo na vida de um jovem da etnia Krahô, um acontecimento ficcional que parte de uma história real de um outro rapaz com quinze anos de idade.

Salaviza e Renée Messor conhecem bem os Krahô, que estão no centro do filme, pois foi ainda em 2009 que a realizadora deixou o seu trabalho em cinema em São Paulo, onde vivia, para se dedicar a um trabalho comunitário junto dos Krahô, que conheceu por acaso numa viagem com uns amigos à aldeia da Pedra Branca, quando estes iam filmar uma cerimónia fúnebre, como aquela que aparece no filme. Mais tarde juntou-se lhe Salaviza e hoje o casal de cineastas vive parte do ano junto de tal comunidade, com a qual continuam a privar e a trabalhar, como revela a sua longa mais recente **A Flor do Buriti** (2023). Dois filmes que dão assim outra expressão ao trabalho iniciado em 2009 por Messor, que visava sobretudo desenvolver um projecto em que o cinema pudesse ser usado como um instrumento que contribuísse para a autodeterminação dos povos indígenas, e dos Krahô em particular, o que realmente aconteceu.

No centro da narrativa está Ihjãc, um jovem da etnia Krahô, que, após a morte do pai, “foge” para a cidade depois de se recusar a preparar a tradicional festa de fim de luto que permitiria que o espírito do pai pudesse partir para a aldeia dos mortos, ao mesmo tempo

que se começa a sentir doente, mas recusa o tratamento espiritual próprio da sua cultura. Longe da muito jovem mulher e do filho, bem como do seu povo e da sua cultura, Ihjãc interroga a sua vida e as suas tradições, ao mesmo tempo que enfrenta as dificuldades de um indígena numa cidade desconhecida, que no fundo representa o Brasil contemporâneo. Daí **Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos** se afirmar simultaneamente como um documento sobre os problemas e os desafios colocados a uma comunidade específica, que enfrenta a destruição das suas práticas ancestrais, e sobre o confronto de duas culturas e tradições.

Deslocado na sua aldeia, mas também deslocado na cidade de Itacajá, onde espera encontrar cura para a sua doença, Ihjãc terá de encontrar o seu caminho. Pertence a uma zona cinzenta, que é também a de todos os sem-papéis, como testemunha o elucidativo diálogo que manterá com quem o recebe e lhe pergunta pelo documento de identidade para depois se recusar a escrever o nome de sua mãe, pois não sabe como a fazer. É em torno da sua doença e da sua recusa em abandonar a cidade que se desenrolam algumas das mais acutilantes trocas de palavras, como outra conversa entre Ihjãc e a médica ou assistente social, que avalia a sua situação.

- Você não entende a vida dos Krahô
- Você não entende a vida dos brancos
- Você não está doente
- Se eu morrer a culpa é sua

Diálogo que é prolongado noutro com a sua mulher Kôtô, que o deixa na cidade a dormir na rua, ao mesmo tempo que parte com o filho dizendo a Ihjãc que aquele não é o lugar para eles.

Desenvolvendo-se num ritmo lento, por oposição ao aceleração da sociedade ocidental em geral, o filme devolve-nos uma atmosfera muito especial, que chega a ser mágica, como são mágicas as tradições dos Krahô. Tal magia verifica-se sobretudo nas várias sequências nocturnas ou ao lusco-fusco, pois as cenas que se desenrolam ao nascer ou ao pôr-do-sol ganham aqui uma beleza invulgar. Ihjãc regressará para cumprir a cerimónia que é devida ao espírito do seu pai, e que lhe permitirá partir para a chamada “aldeia dos mortos”. Uma cerimónia que assinalará também a mudança interior de Ihjãc, que o reconduz novamente à magnífica cascata do início do filme, onde dialoga com o pai, como se de um “eterno retorno” se tratasse. Prova de que os espíritos continuam a deambular pela floresta mesmo se supostamente o “luto” já acabou. Um filme desta natureza só poderia ser realizado com uma equipa reduzida – o casal e um amigo antropólogo, que já vivia na aldeia e que falava a língua nativa e que se ocupou do som – e em condições precárias, dada a inexistência de electricidade. Este facto e as temperaturas ditaram o uso das mais robustas câmaras de 16mm (em detrimento do digital), cuja imagem apresenta uma textura e matéria muito singulares, que adensam a atmosfera do filme.

Como afirmou a dada altura o casal de cineastas, “Os Krahô, dizem que nós, os brancos, perdemos ‘a paciência do mundo’”. Tentados pelo “impossível”, Salaviza e Messora procuram assim recuperar tal “paciência”, deixando-se guiar pelos ritmos da aldeia e pelo espírito de cada elemento da natureza, das árvores, dos céus, ou da já referida cascata, participando o filme da dimensão animista da cultura Krahô.

Joana Ascensão